

Kiyoshi Kurosawa
abre o festival
Olhar de Cinema



PÁGINA 3

Diogo Nogueira
'Sagrado Vol. 2',
seu novo álbum



PÁGINA 5

'Guerreiros do Sol'
repensa o cangaço
no Globoplay



PÁGINA 7

2º CADERNO



Divulgação

Todas as Mulheres do Mundo



Divulgação

Eu Sei que Vou te Amar



Desencanto

O amor está no ar



Casablanca

Ao celebrar o Dia dos Namorados, mostra do Grupo Estação sobre romantismo festeja grifes autorais do Brasil e do mundo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Nada é mais infalível para antecipar a comemoração cinéfila do Dia dos Namorados do que "Um Lugar Chamado Notting Hill", fenômeno de bilheteria que faturou US\$ 364 milhões em 1999, à luz do chamego entre uma estrela hollywoodiana cansada de conexões fluídas (Julia Roberts) e um livreiro britânico avesso ao agito (Hugh Grant). O sucesso dirigido por Roger Michell será projetado no Estação NET Botafogo nesta quarta-feira às 18h35, como abre-alas pop para a mostra "Eu Sei Que Vou Te Amar", que festeja a data anual do Cupido.

Na sequência rola uma sessão das nove de "Orgulho e Preconceito" (2005), de Joe Wright, para seguir numa vibe inglesa do



Divulgação

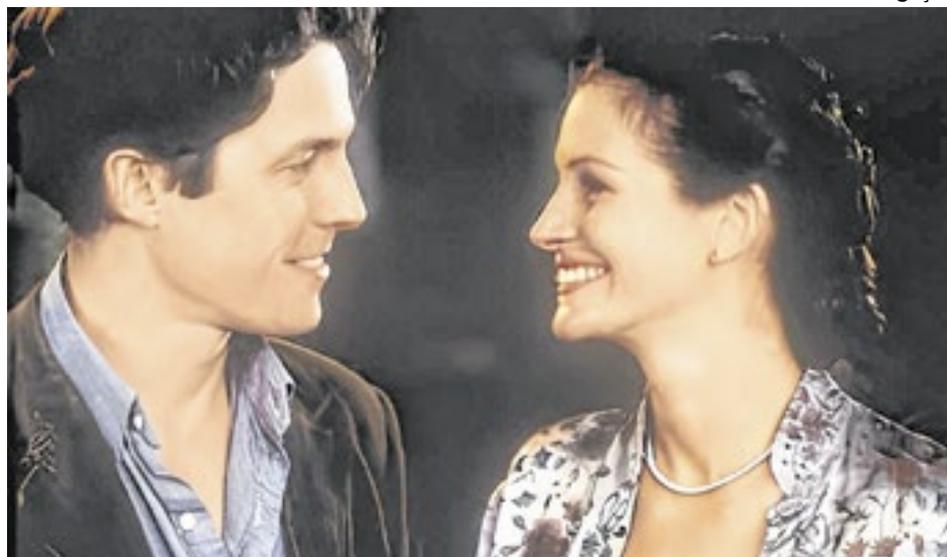
Cenas de um Casamento

benquerer. Vai haver projeção dessa maratona de beijo na boca até o dia 18, com vez também para o Estação NET Gávea, com "10 Coisas Que Odeio em Você" (1999), de Gil Junger, já nesta quinta, às 20h30. Tem estrelas do mais alto quilate no cardápio, mas o filé à mesa é a autoralidade. A partir de amanhã, um desfile de filmes encampados por cineastas de tenazes miradas sobre os afetos (e seu gêmeo maligno, o abandono) hão de desfilarem por telas do Grupo Estação. Arnaldo Jabor (1940-2022) é um dos diretores autores escalados. Nem haveria como ficar de fora, afinal, o título desse festival de paixões é xará de um blockbuster cult rodado por AJ e lançado em 1986, quando rendeu o Prêmio de Melhor Interpretação à atriz Fernanda Torres, no Festival de Cannes. **Continua na página seguinte**



Divulgação

Orgulho e Preconceito



Divulgação

Um Lugar Chamado Notting Hill

Luz, câmera, romance...



Divulgação

Amor à Flor da Pele



Divulgação

O Ano Passado em Marienbad



Divulgação

10 Coisas Que Odeio em Você

Para atrair holofotes para o lírico parlatório com Fernanda e Thales Pan Chacon, que vendeu 1,7 milhão de ingressos em sua carreira comercial, há quase quatro décadas, o Estação põe “Eu Sei Que Vou Te Amar” para rodar no próprio Valentine’s Day carioca: 21h deste 12 de junho. A programação desta quinta inclui: “O Ano Passado em Marienbad” (Alain Resnais, 1961), às 15h; “Casablanca” (Michael Curtiz, 1942), às 16h55; e “Amor à Flor da Pele” (Wong Kar-Wai, 2000), às 19h.

Este é um dos maiores hits do Estação, tendo lotado salas há duas décadas. Nele,

Tony Leung ganhou o prêmio de Melhor Ator em Cannes por um enredo de (des) amor absoluto, que usa Nat King Cole numa trilha sonora de fino de fossa para falar sobre uma paixão resultante de um adultério. Christopher Doyle, seu diretor de fotografia, explicou ao Correio da Manhã o que havia de tão atraente na saga de duas pessoas traídas por seus cônjuges que ensaiam um namoro no rastro da decepção sentimental.

“Kar-Wai investia na percepção de que melodrama é sexo”, disse Doyle, via Zoom. “Tentamos voltar ao desejo, sempre passando pelo corpo. Sempre pensamos os filmes que fizemos como rascunhos de algo que a gen-

te buscava descobrir, nunca como respostas, como presunções. Estávamos sempre atentos ao ritmo, porque o drama pede uma melodia, mas estávamos atentos também a questões que passam pelos afetos, pelo querer, pelo entendimento daquilo que nos leva a gostar de alguém”.

O maior tesouro dessa seleção é o resgate de uma love story brasileira que vai completar 60 anos e carrega o título de comédia romântica nº 1 deste país: “Todas As Mulheres Do Mundo”, de Domingos de Oliveira (1935-2019).

Lançado em 1966, o longa-metragem é centrado na história de amor entre o jor-

nalista e dramaturgo Paulo (Paulo José) e a professora Maria Alice (Leila Diniz), numa ciranda de flertes e traição. É um dos raros exemplares do gênero a unir sucesso popular e prestígio de crítica. Foi laureado com o troféu Candango do Festival de Brasília de Melhor Filme, com outros quatro prêmios e mais uma menção honrosa para Leila. O projeto nasceu como um gesto de “volta para mim” de Domingos para a atriz, numa reação desesperada ao fim do relacionamento entre eles. O pleito não deu certo, mas rendeu uma bela amizade e um filme inesquecível. Terá exhibições no sábado, às 11h, no Estação NET Rio, e no dia 18, às 21h, no Estação Botafogo.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Bunker para o debate estético nas linguagens do audiovisual, com foco em narrativas avessas a clichês e moralismos, o festival Olhar de Cinema de Curitiba escolheu abrir sua programação de 2025 pelas vias do suspense, tateando as veredas do medo pelas franjas da cultura digital ao exibir “Cloud – Nuvem de Vingança”. Kiyoshi Kurosawa, seu realizador, é um dos medalhões do assombro no audiovisual há quase três décadas.

Nascido em Kobe, no Japão, há 69 anos, ele lançou três filmes em 2024 e não se cansa de imaginar histórias de morte (muitas delas com celebrações da vida), coroadas com prêmios nas maiores maratonas cinéfilas do planeta. Daí ser o abre-alas do evento paranaense, que reúne longas e curtas-metragens independentes de todo o mundo, ocupando as salas do Cine Passeio, do Teatro da Vila, da Cinemateca de Curitiba e (pela primeira vez) o Cine Guarani, além de utilizar a Ópera de Arame, famoso espaço teatral, em seu arranque, esta noite.

Egresso de uma pátria que produziu titãs como Kenji Mizoguchi, Yasujiro Ozu, Hayao Miyazaki e Akira Kurosawa, de quem é xará de sobrenome, embora sem qualquer parentesco, Kiyoshi é um artesão do terror e do thriller, filão que impera em sua obra. Em fevereiro de 2024, ele eletrizou os nervos da Berlinale, na Alemanha, com um média-metragem de 45 minutos, “Chime”, no qual um professor sente calafrios ao ouvir um ruído misterioso. Em setembro passado, o diretor partiu para o norte da Espanha, para a competição oficial do Festival de San Sebastián, onde concorreu ao troféu Concha de Ouro com “Le Chemin Du Serpent”, no qual um jornalista e uma médica se unem para se vingarem de uma organização criminosa.

Convocado para inaugurar um Olhar de Cinema que presta tributo à realizadora Agnès Varda (1929-2019) e projeta uma série de títulos brasileiros inéditos, “Cloud – Nuvem de Vingança” abriu sua trajetória nas telas no Festival de Veneza, em sessão hors-concours. Sua trama está ligada aos bastidores do comércio digital na internet. No enredo, o jovem Yoshii (Masaki Suda) revende produtos na web. Ele negocia material cirúrgico, malas de mão, estatuetas... tudo o que possa vender para obter lucro. Ele compra barato para vender caro, às vezes, caro demais. Aos poucos, cada vez mais clientes sentem-se prejudicados e se unem para fazê-lo pagar o preço por sua ganância. Essa premissa rende situações ele-



Centrado nos bastidores do comércio digital, ‘Cloud’ leva a estética de Kurosawa ao Olhar de Cinema

Samurai do espanto

Mestre japonês do suspense, Kiyoshi Kurosawa amplia o prestígio de sua grife autoral no Brasil ao abrir o festival Olhar de Cinema, em Curitiba, com seu ‘Cloud – Nuvem de Vingança’

trizantes, com a marca autoralíssima de Kiyoshi, que deixou a terra das gôndolas com o prêmio de Melhor Direção, em 2020, por “A Mulher de um Espião”.

“Num ambiente de suposta tranquilidade, onde o silêncio é melodia, qualquer ruído pode tirar a plateia da sua zona de conforto e convidá-la ao assombro. É assim que a tradição do terror se fez no Japão: transgredindo

comum, sem ninguém extraordinário, mais você pavimenta o caminho para a surpresa”, disse Kiyoshi ao Correio da Manhã em Berlim.

Sua circulação pelo cinema de gênero muitas vezes se pauta pela estranheza, se vê em cults como “Pulse” (2001) e “Creepy” (2016). Vez ou outra, ele navega pela seara do melodrama, deixando a brutalidade de lado, como é o caso de “Sonata de Cannes” (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de Cannes, em 2008), hoje em cartaz na plataforma MUBI. O pavor e o assombro, contudo, seguem sendo sua principal forma de expressão.

“Um certo sentimento de perda reside em todas as minhas narrativas, pois tenho interesse em entender que inquietudes eu encontro diante do que existe de mais uniforme e de mais recorrente na sociedade japonesa, a de ontem e a de hoje”, disse Kiyoshi ao Correio quando iniciou as filmagens de “Cloud – Nuvem de Vingança”. “Existe aqui uma constante fricção entre a inércia e a transformação, mas nem sempre a inércia se conecta com a tradição. Enquanto nossas miopias morais nos impedirem de perceber o Mal que está ao nosso redor, sob o disfarço de códigos de conduta rigorosos, o cinema de suspense vai existir e há de seguir a arrebatar pessoas”.

Nesta quinta, o Olhar de Cinema exhibe o esperado “Tardes de Solidão”, do catálogo Albert Serra, que ganhou a Concha de Ouro de San Sebastián de 2024 ao retratar o dia a dia de um toureiro sem glorificar a tradição da tauromaquia.



Berlinale/Divulgação

Kiyoshi Kurosawa teve três produções nos maiores festivais do mundo em 2024 e, este ano, abre evento no Paraná

a normalidade que as aparências constroem. Quanto mais o seu universo de ação for cotidiano e corriqueiro, com gente supostamente

CORREIO CULTURAL

Divulgação Paris Filmes



Jesuíta Barbosa estrela 'Homem com H'

'Homem com H' tem 600 mil espectadores e fatura R\$ 13 mi

A cinebiografia de Ney Matogrosso, "Homem com H", ultrapassou a marca de 600 mil espectadores nos cinemas do país. Lançado oficialmente em 1º de maio, está em cartaz, o longa estrelado pelo ator Jesuíta Barbosa também soma mais de R\$ 13 milhões em bilheteria, segundo o Filme B Box Office Brasil. O filme foi dirigido e

escrito por Esmir Filho. "Homem com H" aborda a trajetória de Ney Matogrosso, que morava com sua família na cidade de Bela Vista, em Mato Grosso do Sul, mas se afastou, devido aos constantes embates com o pai. Em São Paulo, estreou como vocalista dos Secos e Molhados, onde deu início à sua carreira na música.

Força, Bira!

Ubirajara do Nascimento, o Bira Presidente, do Cacique de Ramos e do Fundo de Quintal, está internado. O pandeirista enfrenta quadro clínico delicado, "com comorbidades associadas e histórico de tratamento oncológico prolongado".

De volta

Morrissey, o fundador e vocalista de The Smiths desembarca em São Paulo em novembro para um show no Espaço Unimed no dia 12. Em carreira solo desde 1987, ano em que deixou o grupo, Morrissey vem ao Brasil após um hiato de sete anos.

Sambista escritor

O multiartista Wesley Nóog mantém viva a escola de sambista escritores, com nomes como Martinho da Vila e Nei Lopes, e marcará presença na Bienal Internacional do Livro do Rio para lançar o livro: "Esmeralda Sobre a Tábua da Vida Cotidiana".

Pop bossa

A cantora Marcela Mangabeira apresenta sucessos do pop mundial em ritmo de Bossa Nova e toques brasileiros com versões do seu consagrado projeto "Bossa Lounge Music" nesta quarta-feira (11), às 20h, em show no Blue Note Rio.



Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro no Theatro Municipal

Virtuosismo e emoção

Concerto da Sinfônica Jovem do Rio une Barber, Bartók e Wagner sob regência de Cláudio Cruz no Municipal

Por Affonso Nunes

A Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro retorna ao palco do Theatro Municipal no dia 11 de junho, às 19h, com um programa que mescla lirismo, complexidade técnica e intensidade dramática. Sob a regência do maestro Cláudio Cruz, o concerto terá como destaque a participação do jovem violista Gabriel Marin, um dos nomes ascendentes da música de câmara brasileira.

O repertório da noite foi construído a partir de obras que atravessam três momentos decisivos da história da música ocidental. A abertura fica por conta do "Adágio para Cordas", de Samuel Barber, peça emblemática do século XX, associada a cerimônias fúnebres e momentos de introspecção em todo o mundo. Em seguida, Marin assume o centro do palco para

interpretar o "Concerto para Viola, Sz. 120", de Béla Bartók. Completada postumamente por Tibor Serly, a obra alia a densidade do modernismo europeu à pulsação do folclore do Leste Europeu, revelando a expressividade peculiar da viola.

Após o intervalo, a orquestra mergulha no universo wagneriano com quatro aberturas e prelúdios: "Os Mestres Cantores de Nuremberg", "Rienzi", "Tristão e Isolda" e o "Prelúdio do Ato III de Lohengrin". Com caráter autônomo no contexto sinfônico, essas peças revelam a habilidade de Wagner em construir paisagens sonoras de ampla escala, carregadas de lirismo e tensão dramática.

O concerto marca mais uma etapa da Temporada 2025 da OSJRJ, orquestra residente da PUC-Rio, composta por 55 jovens músicos entre 18 e 28 anos, a maioria oriunda de comunidades do Rio

de Janeiro. A formação é fruto do projeto Ação Social pela Música do Brasil (ASMB), que há 11 anos oferece educação musical de excelência a jovens em situação de vulnerabilidade. Alguns dos integrantes já passaram por palcos da Alemanha, Holanda, Suíça e Estados Unidos.

Cláudio Cruz, que conduz a apresentação, é uma referência na música clássica brasileira, tendo sido spalla da Osesp por mais de duas décadas. Também atua como regente à frente de orquestras como Sinfonia Varsovia, Northern Sinfonia, New Japan Philharmonic e Jerusalem Symphony Orchestra. E o solista Gabriel Marin iniciou sua formação no Conservatório de Tatuí e vem ganhando projeção como camerista e solista. Já atuou com orquestras como Osesp, Orquestra do Teatro Nacional de Brasília e a própria Orquestra Jovem do Estado de São Paulo.

SERVIÇO

ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM DO RIO DE JANEIRO

Theatro Municipal do Rio de Janeiro – Praça Floriano, s/nº - Centro)

11/6, às 19h

Ingressos: Plateia e Balcão Nobre – R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | Balcão Superior – R\$ 30 e R\$ 15 (meia) | Galeria – R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Bruna Sussekind/Divulgação

Fé, festa e paixão

Novo álbum de Diogo Nogueira reúne sete faixas que celebram o amor sob diferentes formas e abordagens

Por Affonso Nunes

Diogo Nogueira apresenta seu nono álbum de estúdio, “Sagrado, Vol. 2”, sequência direta do trabalho lançado no fim de 2023. Disponível nas plataformas desde o dia 5 de junho, o novo disco traz sete faixas que giram em torno do amor em múltiplas expressões, lançando um olhar carinhoso sobre o sentimento que une pessoas, lugares e culturas. A proposta dialoga com o Mês dos Namorados e reforça a ideia de que, no universo do samba e nas culturas de terreiro, o sagrado e o profano não se opõem — se entrelaçam.

“Ao falar de amor, este disco não se limita ao amor romântico. Ele fala do amor pelo subúrbio, pelo lugar onde se vive, pelo samba, por tudo aquilo que nos faz felizes”, define Diogo. A abordagem ganha peso poético e filosófico no texto de apresentação escrito por Luiz Antônio Simas, para quem a integração entre o sagrado e o profano é uma chave para compreender as manifestações culturais do povo brasileiro.

A abertura do álbum, “Já Deu Tudo Certo” (Rafael Delgado e Robinho), apresenta um samba solar sobre a fé cotidiana, costurada por resistência, alegria e pluralidade religiosa. “Essa canção fala de fé, amor e força, tudo que me move”, resume o artista.

Na sequência, “Ninguém Segura o Nosso Amor” (Peu Cavalcante, Rodrigo Leite e Caiuque) resgata a energia das

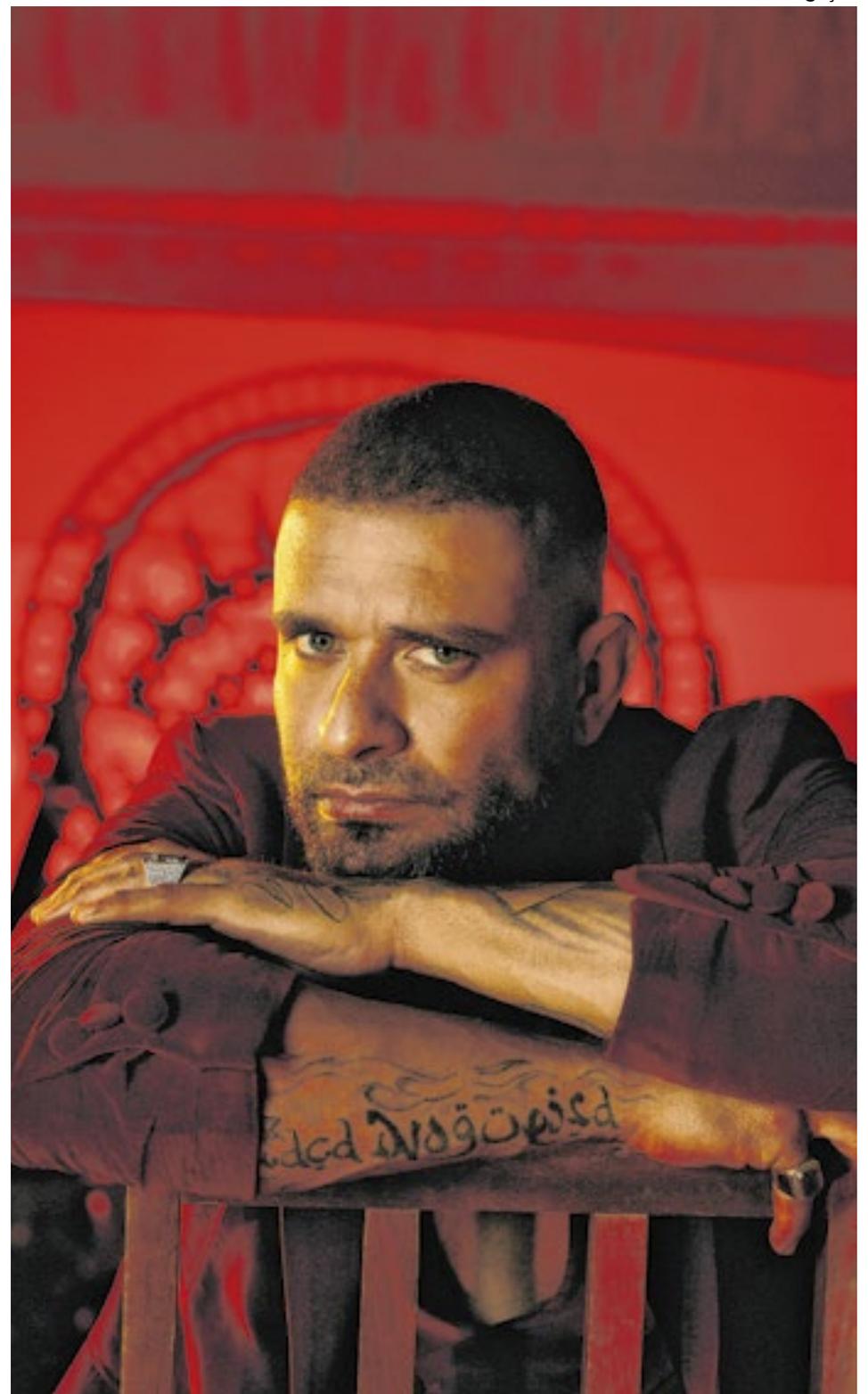
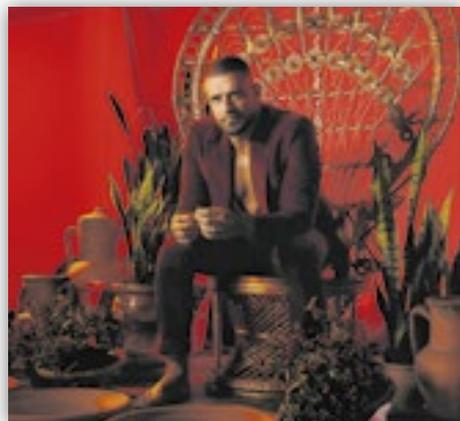
gafeiras e exalta a paixão escancarada, barulhenta e dançante. “É um amor feliz e brincalhão, um dos meus sambas preferidos do disco”, comenta Diogo.

A faixa “Coisas do Amor (Me Chama)” marca o encontro de Diogo com Sandra de Sá. Inspirada nos bailes suburbanos e no balanço da soul music brasileira, a canção traz versos diretos embalados por suingue. “Estava ouvindo muito Tim Maia quando comecei essa música. Sandra se encaixou perfeitamente no clima que buscávamos”, explica o cantor.

Escrita por Gabi D’Paula, “Iluminou” mergulha nas síncopes do samba tradicional para retratar o amor como força de transformação. “Essa canção tem uma melodia moderna e uma essência apaixonante”, destaca Diogo, que divide com Gabi os palcos e agora também a autoria.

“Como Eu Seria Sem Você” leva a assinatura de Thiago da Serrinha, que também assina a última faixa do disco. A canção explora o Rio de Janeiro por meio de suas paisagens afetivas — Madureira, Ipanema, Leblon, Mangueira — como pano de fundo para uma declaração amorosa que mistura sentimentos pela pessoa amada e pelo próprio país.

Com referências ao cinema popular, “Tela Quente” propõe uma reflexão bem-humorada sobre a distância entre o amor



“Ao falar de amor, este disco não se limita ao amor romântico. Ele fala do amor pelo subúrbio, pelo lugar onde se vive, pelo samba, por tudo aquilo que nos faz felizes’

Diogo Nogueira

idealizado nas telas e a realidade dos relacionamentos vividos nas esquinas e salões. O samba, aqui, é a trilha sonora do cotidiano, não da fantasia.

Encerrando o álbum, “Quem Dera” volta à pena inspirada de Thiago da Serrinha. A letra, que menciona esfirras no Méier, rezas na Penha e sambas de Arlindo Cruz, evoca o romantismo suburbano carioca em um passeio pelas camadas mais afetivas da cidade. “O samba é uma oração para ‘sair do distúrbio e morar no subúrbio do teu coração’”, resume o refrão.

Em “Sagrado Vol. 2”, Diogo traduz a maneira brasileira de viver o amor.

ENTREVISTA / JOSÉ MIGUEL WINSNIK, ENSAÍSTA, MÚSICO E PROFESSOR

‘O sertão vira livro e o livro vira sertão’

Nino Andres/Divulgação



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Patrimônio inestimável da prosa brasileira (sejam justos: da prosa universal), “Grande Sertão: Veredas” vai celebrar seus 70 anos em 2026, mas o Centro Cultural Banco do Brasil antecipa os festejos e realiza, nesta quarta-feira, às 17h30, uma viagem afetiva a suas páginas, tendo o imperativo categórico da excelência de Guimarães Rosa (1908-1956) como norte e a sabedoria de José Miguel Wisnik como bússola. O ensaísta e músico paulista responsável por livros como “O Som e o Sentido” (1999) e “Machado e o Maxixe: O caso Pestana” (2008) vai desbravar a geografia do mineiro de Cordisburgo em sua participação no Clube do Leitura do CCBB. A curadora Suzana Vargas e o poeta Ramon Nunes Mello triangulam a bola com Wisnik, que ambiciosa conversar sobre a descoberta das muitas camadas de sentido que um texto literário como o de Rosa tem. Compositor de “Outra Viagem”, celebrizada por Alaíde Costa e Ná Ozzetti, ele bate um papo com o Correio da Manhã sobre as minas auríferas de palavras das Gerais.

Qual é a melodia das Veredas de Rosa e o que nela existe de épico?

José Miguel Wisnik: As narrativas de Guimarães Rosa são permeadas de melodias. “A hora e vez de Augusto Matraga”, por exemplo, é toda pontuada por estribilhos, refrães, versos cantados. “O recado do morro” é a viagem da formação de uma canção e seu efeito sobre o protagonista. E em “Grande Sertão: Veredas” é como se toda a experiência vivida e narrada por Riobaldo estivesse guardada na canção de Siruiz. As veredas de Rosa são muito musicais.

De que maneira, na tra-

“*Em Guimarães Rosa, há uma profunda integração do bioma com o idioma. Sua obra é uma espécie de canto do cisne do cerrado, ou uma dança do tucano sobre essa extraordinária biodiversidade, e nos faz pensar na atual devastação*”

dição de um evento como o Clube de Leitura, no qual a palavra é protagonista, existe a possibilidade de um pensador como o senhor produzir uma “autogeografia” a partir do que leu? Ou seja: o quanto visitar

Guimarães é revistar o SEU território intelectual?

Gostei do uso da expressão “autogeografia”. A obra de Guimarães Rosa é extremamente geográfica e cartográfica. Funcionário do corpo diplomático

que cuidava do serviço de fronteiras, Rosa tinha acesso a um mundo de mapas. Além disso viajou pelo sertão a cavalo, anotando tudo. A escrita dele é “autogeográfica”: transcreve o sertão de dentro e de fora, de perto

e de longe, do alto. Já se estudou a escrita do “Grande Sertão” e do “Corpo de Baile” como uma cartografia literária onde o território real e o inventado se misturam. Nele, o sertão vira livro e o livro vira sertão. Você pergunta também sobre a leitura como viagem pessoal pelos próprios territórios que eu já percorri. Só posso dizer que, de fato, estudei Drummond e a mineração, no livro “Maquinação do mundo”, e acho que a obra de Rosa oferece uma visão complementar, ecológica, do cerrado mineiro. Em Guimarães Rosa, há uma profunda integração do bioma com o idioma. Sua obra é uma espécie de canto do cisne do cerrado, ou uma dança do tucano sobre essa extraordinária biodiversidade, e nos faz pensar na atual devastação.

Para além da potência do falar que vemos em “Grande Sertão”, existe um rastreamento do Brasil, que uns chamam de etnográfico e outros, de poético. Qual é o Brasil que se perpetuou ali (e dali)? Que Gerais é aquela?

A pergunta é quase irrespondível aqui, de tão ampla. O sertão é o mundo - social, antropológica, poética e metafisicamente falando.

Quais são seus novos planos para a escrita este ano?

Vou publicar um livro de ensaios sobre música e literatura, que se chama justamente “Viagem do recado”, nome rosiano que dá título também ao ensaio central do livro, sobre o recado de Rosa. Sairá em julho e farei, isso é muito importante dizer, um lançamento com aula-show na abertura do novo ciclo dirigido por Adauto Novaes, no dia 07 de agosto, na Fundação Casa de Rui Barbosa. Vou fazer o meu show “Vão”, com banda e participação de Marina Wisnik e Celsim, no dia 31 de julho no BNDES no Rio.

Por **Leonardo Sanchez**
(Folhapress)

Sob o sol que faz arder o sertão nordestino, uma disputa entre um coronel e um cangaço mancha a terra de sangue. Tiros voam de um lado para o outro, embora sejam apenas uma amostra mais óbvia de uma violência que toma diversas formas. Armas são o menor dos problemas da protagonista de “Guerreiros do Sol”, castigada pela miséria, a injustiça e as palavras disparadas pelos homens ao redor, num sertão em que a figura do “cabra macho”, montado no cavalo e com revólver na cintura, é incontestável.

Terceira novela original do Globoplay, plataforma de streaming da Globo, a trama de 45 episódios estreia nesta semana construindo uma ponte entre as violências do presente e aquelas do sertão nordestino entre os anos 1920 e 1930, época em que Lampião e seu bando reinavam.

Ao seu lado, Maria Bonita também aterrorizava os sertanejos, num relacionamento com traços de abuso, segundo muitos pesquisadores, embora romantizado. Tornaram-se figuras míticas, um Bonnie e Clyde brasileiro, e agora inspiram o casal protagonista de “Guerreiros do Sol”, Rosa e Josué - papéis de Isadora Cruz e Thomás Aquino.

“O cangaço é um movimento muito ímpar, que só aconteceu naquele lugar, naquela época. Vimos ali a possibilidade de fazer um melodrama”, dizem George Moura e Sérgio Goldenberg, autores da novela, que já assinaram séries como “Onde Nascem os Fortes” e “Amores Roubados”.

“É para entreter as pessoas, mas também para dizer que aquele Brasil arcaico, palco de uma guerra, dialoga muito fortemente com o nosso presente. “Guerreiros do Sol” é uma tentativa de olhar para o passado para compreendermos as contradições de hoje. Por isso descrevemos a novela como uma história de amor ambientada numa guerra, a guerra de formação do Brasil moderno”, afirma Moura.

“Guerreiros do Sol” acompa-



Josué (Thomás Aquino) e Rosa (Isadora Cruz) em ‘Guerreiros do Sol’

Amor ENTRE balas

na um amor que floresce em meio à aridez do sertão nordestino, com suas desigualdades e a ausência do Estado. Vizinha de um rico e poderoso latifundiário, a mocinha Rosa decide se casar com ele, ciente de que a vida não lhe reserva grandes coisas e apesar de estar apaixonada por Josué, igualmente pobre.

Eles deixam escapar uma dança num forró, porém, e o ciúme impele o coronel - encarnado por José de Abreu - a travar uma guerra contra Josué. Ameaças se transformam em morte e, para vingar uma desgraça pessoal, o mocinho e seus irmãos se tornam cangaceiros.

Não é um spoiler dizer que a protagonista e narradora logo vai pegar em armas também, em busca de suas próprias vinganças. Assim,

Rosa vai se aproximando de Maria Bonita - uma mulher forte num mundo violentamente misógino, que chama a atenção pela beleza.

“Guerreiros do Sol” tomou emprestado o nome e a pesquisa do livro de Frederico Pernambucano de Mello, historiador que serviu de consultor da novela. Moura e Goldenberg, porém, caminharam rumo à ficção, justamente porque “cada opinião dada entre os especialistas do cangaço acende uma centelha”, dizem, em referência às versões díspares do movimento e da relação entre Lampião e Maria Bonita.

“Rosa tem uma visão crítica sobre o cangaço e a sua participação naquilo, mas ela e Josué, apaixonados, foram impelidos a se tornarem

‘Guerreiros do Sol’ repensa cangaço a partir da mulher e denuncia violência do sertão

cangaceiros, para sobreviver mesmo”, diz Moura.

“Eu não entrei no cangaço por maldade minha, mas pela maldade dos outros”, sintetiza bem o mocinho, num dos episódios, pegando emprestada a fala atribuída a Lampião, perseguido na juventude pelos coronéis e as forças policiais corruptas do interior de Pernambuco.

Já Rosa foi, claro, pensada à imagem de Maria Bonita. Mas foi a cangaceira Dadá, Isadora Cruz conta, quem mais a inspirou. Única mulher a empunhar um fuzil no bando de Lampião, ela foi casada com Corisco, o segundo no comando, e ganhou a alcunha de Suçuarana do Cangaço. Apesar do sadismo do marido, Dadá com frequência intervia para poupar a vida

de inocentes.

“A Rosa traz um novo olhar sobre uma história muito masculina, muito violenta”, diz a paraibana, que quer desafiar o arquétipo da mocinha de novela. “Existe nela uma sensibilidade para os problemas da época. Queremos mostrar os dois lados da moeda, a dicotomia do cangaço, porque até hoje há quem ame e quem odeie. Como a política, que tem polarizado e dividido tanto a sociedade.”

Por ser uma novela pensada para o streaming - mais tarde, deve estreiar na TV aberta, mas com cortes -, “Guerreiros do Sol” tomou liberdades que não seriam vistas na programação linear da Globo. A violência da história, aqui, é gráfica, com balas furando a carne e fazendo jorrar sangue. Também há menos pudor em relação ao sexo, com seios e nádegas dando mais cruzeza ao sertão.

Numa cena, Rosa se masturba deitada na rede, com seus gemidos entrecortados pelo forró da noite anterior, quando dançou colada a Josué. “Tá passando mal?”, pergunta sua irmã, encarnada por Alice Carvalho, do outro lado da porta.

Para os autores, “Guerreiros do Sol” continua sendo essencialmente uma novela, principalmente por causa de sua veia melodramática - e apesar de já estar inteiramente gravada, ter menos núcleos de personagens, ser uma produção de gênero e ter apenas 45 capítulos. O termo “série”, porém, escapa aqui e ali nas entrevistas que a equipe vem dando. Para o espectador, “Guerreiros do Sol” talvez esteja mais próxima de uma grande produção de faroeste hollywoodiana, ou dos filmes de Glauber Rocha, do que das picuinhas de Odete Roitman e Maria de Fátima, de “Vale Tudo”.

Independentemente do recorte de gênero, o que importa mesmo é manter o cheiro brasileiro, afirma Isadora Cruz. “Enquanto há gente vendo filme de cowboy no meio-oeste dos Estados Unidos, fascinada, admirando a cultura estrangeira, nós temos acontecimentos tão interessantes quanto na nossa própria história. É um universo muito brasileiro, que nos ajuda a entender quem somos.”

Estevam Avellar/Globoplay

**Sabe aquele pedido especial que
você espera a vida inteira?**



CASA comigo?

No Dia dos Namorados,
surpreenda quem você ama.

PROTEL
| CRECI-RJ. J4702
LOCAÇÃO E VENDA

ENTRE EM CONTATO:
☎ 21 **99453-8317**